

"Maior mercado emergente"

por Eliane Cantanhêde
de Nova York

O presidente do Banco do Brasil, Alcir Calliari, disse ontem no Seminário BRASIL 95, promovido em Nova York pela Gazeta Mercantil e a instituição, que a principal bandeira do futuro governo brasileiro é o combate à miséria. Segundo ele, "a elite centralizadora de renda vai ser fiscalizada, dentro da lei, respeitando os contratos e as regras da iniciativa privada, mas dentro da necessidade primordial de se acabar com as injustiças".

"O Brasil é o maior mercado emergente do mundo", defendeu Calliari, surpreendendo a platéia de investidores ao fazer um discurso muito mais político do que econômico. Deixando de lado o discurso, escrito em inglês, que distribuíra com antecedência, ele falou de improviso sobre o "impeachment" do presidente Fernando Collor de Mello, da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que analisou no Congresso as denúncias de corrupção contra a Comissão de Orçamento e das perspectivas favoráveis criadas com as últimas eleições gerais.

"Retiramos um presidente pela via democrática, sem uma só vidraça quebrada, dentro da lei e da ordem. Fomos capazes de mudar um presidente que não soube corresponder ao seu próprio discurso", relatou Calliari. Em seguida, falou sobre a "depuração do Congresso", com o julgamento de mais de trinta parlamentares e a punição de vários dos envolvidos.

"Nós temos orgulho da nossa transição política", declarou o presidente do Banco do Brasil, no único momento da programação da manhã interrompido por palmas da platéia. Em seguida, ele admitiu "alguns conflitos conhecidos entre os poderes, como o Judiciário e o Executivo", mas apressou-se a classificá-los como parte do processo de consolidação da democracia, "com a definição de limites de atuação dentro de outros parâmetros".

Segundo Alcir Calliari, "ninguém duvida da necessidade crucial de haver uma reforma na Constituição" e que, por isso, as circunstâncias são muito favoráveis às mudanças. Em resumo, deu três dessas mudanças. A primeira gira na questão tributária, "hoje concentrada nos trabalhadores e nas menores empresas". A segunda, da Previdência Social "que está inviável". A terceira será para modernizar os investimentos, "de forma que setores hoje atrasados possam contar com o capital estrangeiro sem tantas limitações".

"O Brasil foi o país que mais cresceu no planeta nos últimos cinqüentanos", disse Calliari, enfatizando a existência de US\$ 40 bilhões de reservas internacionais, quando no ano passado estavam em US\$ 24 bilhões, o que já era considerado um recorde. Outro dado para ilustrar seu otimismo com o País foi o da safra agrícola, que chegou a 75 milhões de toneladas. Destacou a condição brasileira de maior produtor mundial de soja, cacau de laranja e citou cacau, café, açúcar e frango como produtos também responsáveis pela pauta de exportações privilegiada do Brasil.

Ao falar sobre o processo de estabilização da economia interna, Calliari traduziu o que era o País antes do Plano Real:

"Na última década, especialmente, nossa política se resumia ao mero gerenciamento de caixa. O que todo mundo mais queria e precisava era fechar o caixa do dia e ter certeza de que conseguiria sobreviver no dia seguinte".

Até a evolução do Brasil no campo do meio ambiente foi ressaltada na palestra do presidente do Banco do Brasil, para quem o País "saiu da situação de algos e réu para a de líder mundial da defesa do meio ambiente, o que é surpreendente para um país de terceiro mundo".

Apesar da nova moeda e das taxas de conversão atualmente desfavoráveis ao dólar, Calliari frisou que continuamos tendo superávit comercial sólido, com crescimento das exportações. Sua previsão é a de que, como já está em US\$ 70 bilhões, possa iniciar o próximo ano em US\$ 100 bilhões.

O presidente do Banco do Brasil, entretanto, não deixou de reconhecer que há "um conjunto de gargalos" no processo de desenvolvimento brasileiro, que tem estado na faixa dos 4 a 5% ao ano, nos últimos três anos. Um desses "gargalos" é na área energética. "No ano que vem, a matriz já estará superada e os investimentos nesse setor terão retorno seguro", previu, informando que o programa de governo do futuro presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, prevê a reorganização dos portos, estradas, comunicações, com maciços investimentos em todo o universo de infraestrutura.

Um dos objetivos desse investimento, que em si já é considerado fundamental, é a criação de empregos e a "dignificação dos salários", como disse Alcir Calliari no seminário. "Nos horroriza a todos, como brasileiros e como pessoas, que haja 32 milhões de famintos vivendo no Brasil", declarou ele, deixando claro que o combate à miséria é a principal bandeira do futuro governo, e que a "elite centralizadora" será chamada a dar a sua parte nesse processo de correção de "injustiça social histórica". Processo, aliás, que ele fez questão de dizer que já começou no atual governo do presidente Itamar Franco.

A primeira pergunta do Seminário BRASIL 95 foi formulada a Calliari pelo ex-embaixador americano em Brasília, Lincoln Gordon, até hoje um expert em assuntos brasileiros. "Quais são as expectativas para os bancos estaduais, principalmente o Banespa?", indagou Gordon, sem rodeios.

Apesar de ressaltar que essa pergunta merecia uma resposta do presidente do Banco Central, Pedro Malan, que falaria à tarde, Calliari explicou que "os bancos estavam ganhando apenas com a especulação, mas agora vão ter que buscar seus lucros na intermediação e na criação de riquezas". No caso dos bancos estaduais, eles deverão, a seu ver, se adaptar à inevitável reforma financeira, "assumindo a atuação em áreas inóspitas, de longa maturação, portanto típicas de instituições oficiais".

"Uns vão se atualizar. Outros vão desaparecer", resumiu o presidente do BB, destacando que 60% do território nacional ainda está completamente carente de investimentos e que cabe aos bancos oficiais participar ativamente do empenho para favorecer a produção no País.